

AS CURANDEIRAS

Exposição “Bonecas – o entrelaçar da criatividade, mãos e emoções” – Biblioteca *Campus Sorocaba UFSCar*

Artista: Maria Lígia Conti

15 997264857

marialigiaconti@gmail.com

De 9 de janeiro a 17 de fevereiro de 2023

Nesta exposição estão algumas bonecas de minha coleção das Curandeiras. Eu assim as chamo em razão de ter sido iniciada no reino das bonecas por Barb Kobe, criadora das Healing Dolls e autora do livro *The Healing Doll Way*. Barb me ensinou, e tem ensinado, a fazer as bonecas em processo de autoconhecimento, e conseqüente cura interior. Nem sempre as bonecas curam de imediato, nem sempre sabemos exatamente quem são até que algo dentro de nós desperte. O poder de cura das bonecas vem exatamente desse despertar, desse perceber-se e decidir mudar ou não.

Aqui temos bonecas que classifiquei como: **1. Curandeiras** propriamente, que são essas feitas no processo de cura, **2. Místicas**, que são as bonecas que surgem de pesquisas que faço sobre bonecas em diversos espaços geográficos e temporais, ligadas a crenças pagãs que antecedem o extermínio das crenças tradicionais (ou tentativa de) pelo monoteísmo e patriarcado, **3. Primitivas**, que são bonecas de pano feitas sem molde, a partir de material escurecido em café ou chá para lembrar as bonecas feitas à mão pelas primeiras mulheres colonizadoras nos Estados Unidos. O escurecer do tecido e raspar com lixa, é para dar o toque de envelhecimento e **4. Descobrimento**, bonecas que resultam de ensaios com novos materiais ou métodos de fazer e brincar.

	BONECA/ Nome	INFO	Quantidade	Coleção
1.	A Criatividade Interior	Estas três bonecas representam a força criativa que todos temos, que nasce conosco como força divina. A Crítica Interior é aquela que recolhe o que vem de fora e transforma em autocrítica, podendo destruir a autoestima e a certeza de que somos criativas e capazes. A Criatividade Interior é aquela força que deixamos despertar dentro de nós e nos faz lembrar de quem somos, de onde viemos e de que somos capazes. E a Protetora da Criatividade Interior é aquela que mantém acesa a chama da fé em nossa ligação com o divino.	03	Curandeiras
2.	A Crítica Interior			Curandeiras
3.	A Protetora da Criatividade Interior			Curandeiras
4.	Pacha Mama	A criadora do Universo. O lado feminino da divindade. A mãe da Terra.	01	Curandeiras
5.	A Guardiã das minhas histórias - Letícia	Uma senhora de aparência forte e de extrema delicadeza interior. Serena, compenetrada, guarda um humor sutil e tem a memória dos elefantes e baleias. É irmã de Eileen.	01	Curandeiras
6.	Marcela	A artista insegura – ouve ainda os grunhidos da Crítica Interior, mas busca livrar-se desse som e libertar-se para conquistar o mundo da expressão original de seu ser.	01	Curandeiras
7.	Shoonya – o Vazio, Shiva	O meu místico que busca a sabedoria, o equilíbrio e a conexão com o que é divino, enquanto vive a realidade ilusória da mente.	01	Curandeiras
8.	Tilo	Aquela que tem poderes de cura. Profunda conhecedora das especiarias, iniciada na arte de se comunicar com o mundo vegetal, Tilo cura emoções e promove o bem-estar das pessoas com suas poderosas massalas e chás de sabor indescritível.	01	Curandeiras
9.	Eileen	Guardiã da Casa dos Sonhos, Eileen é a tecelã e contadora das histórias pessoais. Ouvir Eileen é entregar-se ao mundo do fascinante, do fantástico e imaginário. Suas histórias atravessam o tempo e trazem as memórias guardadas por Letícia, sua irmã. Além do prazer proporcionado, suas histórias trazem sabedoria.	01	Curandeiras
10.	Alice a princesa	A princesa Alice surgiu de um documentário sobre a princesa Alice, mãe do Príncipe Phillip (avô de Charles III), da Inglaterra. A história dessa princesa me tocou profundamente por sua busca enlouquecida (literalmente) pelo sagrado. Sua missão de vida foi servir – como penso que todas as missões devem ser. Em Alice, vejo o enorme coração, a pureza, a dedicação ao sagrado, a delicadeza do servir e doar, a capacidade de sonhar e se entregar aos sonhos, o olhar de amor e a simplicidade que parece não caber nas cortes reais, mas se encaixa perfeitamente no que entendemos serem as cortes divinas.	01	Curandeiras

11.	O corpo - Lígia	Na busca de “quem eu sou”, segui os conselhos de Krishnamurti e Sadhguru – busquei identificar <u>o que eu não sou</u> . Um corpo emprestado da terra, alimentado pelo que ela oferece; uma mente cheia de confusões e emoções nem sempre harmoniosas – e ideias, e criatividade - e um peso nas costas, composto de emaranhados tecidos por laços familiares, antepassados, história, cultura, religião, ‘verdades absolutas’, relacionamentos e o tempo passado e futuro. O corpo não sou eu, a mente não sou eu – resta-me agora descobrir quem eu sou.	01	Curandeiras
12.	Maia – Minha Guardiã	Maia, como a maioria das bonecas, foi se fazendo. A intenção era fazer uma Guardiã representada por uma idosa amorosa, com um colo macio e mãos delicadas que me aagassem quando eu delas precisasse. Aos poucos foi se transformando em uma caçadora, “de arco e flecha”. Seu vestido inicialmente apenas um avental de vovó, recebeu o cinturão cintilante, a mensagem do céu. Maia, em maori, a língua dos polinésios, significa corajosa, guerreira, confiante. O nome ‘Maya’ me veio à mente quando ela estava quase pronta e eu o rejeitei por significar ‘ilusão’ em sânscrito, mas o nome permanecia em minha mente – era o nome que ela escolhera – fui então pesquisar para ver se havia outro significado – e a primeira opção que o Google me ofereceu foi essa versão em Maori - Maia. São incríveis essas bonecas e sua conexão com o nosso ser interior.	01	Curandeiras
13.	José	José foi o primeiro homem da coleção de bonecas, e o primeiro <i>primitive</i> . Apresentou-se como um homem velho, de colarinho, bainha e bolsos na calça, cinta e sapatos tradicionais, com cadarço alinhado. Ao estar finalizado, eu buscava algo que o complementasse. “coloque alguma coisa nas mãos dele”, me disseram as colegas de classe. Então, lhe dei uma carteira com bastante dinheiro. E ali ficou à espera de algum significado.	01	Primitives
14.	Nina	A segunda <i>primitive</i> foi a Nina, delicada, elegante, com um arzinho de menina e sem qualquer sinal de ser uma mulher. “coloque alguma coisa nas mãos delas”, repetiu o eco. E lhe dei um coração. E Nina se juntou ao José e formaram um casal.	01	Primitives
15.	Lígia Ventura – a mochileira	Durante uma noite, não muito depois de ter estabelecido José e Nina como um casal, acordei de súbito – “O quê?” eu havia reproduzido uma realidade do patriarcado – um homem velho, cheio de dinheiro, com roupas lavadas e bem passadas, calça de vinco (feitos certamente por sua esposa) e uma menina. Embora nenhum dos dois tenha mãos propriamente dito, as de José estão claramente ali, além dos punhos de sua camisa – Nina não tem mãos, como se não tivesse autonomia para ação e não tem pés (ao contrário de José), significando que não tem independência! Saí da cama e comecei a	01	Curandeiras

		pensar numa outra boneca. Então, veio a Lígia Ventura – aventureira, livre (com mãos e pés), despojada e com uma mochila nos ombros que a acompanharia em qualquer lugar aonde quisesse ir. Mas, falta algo em suas mãos... Sem uma sombra de dúvida, tirei todo o dinheiro de José e dei a ela e dei o coração a José. Nina ainda está ali, representando um passado para mim e um presente para muitas meninas crianças no mundo de hoje. Não leva nada em suas mãos – apenas aguarda a liberdade.		
16.	Thiago	Thiago surgiu de uma encomenda. Deveria representar o personagem Dobby, de Harry Potter. Aos poucos foi se tornando Thiago, um mago doméstico, cheio de poderes, mas mais cheio de traquinagens. Pode ter convivido com um Saci, talvez... Saiu de casa para o seu dono e voltou para tomar um ar e ficar mais no convívio com as outras bonecas – andava triste, precisava de cura.	01	Primitive
17.	Manuela	Manuela ia ser uma menina com características tropicais. Tinha a intenção de ser menina marota. Por fim, tornou-se mais uma moça sábia, estilo originária de países frios, que gosta de ler, de viajar e de conversar conversas inteligentes.	01	Primitive
18.	Abgail	Abgail é toda tropical. Feita com o cacho de açaí açu, ela já era uma boneca quando estava cheia de frutos lá no pé – foi só completar o que faltava e lhe dar a bolsinha de viagem – é mais uma viajante na linha de viajantes das Curandeiras...	01	Descobrimto
19.	Flor – a Guardiã do Portal	Flor é a Guardiã do meu Caminho e dos Portões do Destino, moradora das grandes florestas ao Sul do Equador. Eu achava que essa boneca seria um homem forte e alto e vestido com tecidos que tingi com chá, café, henna... Um ermitão morador das cavernas, sério, embrutecido pelo tempo e suavizado pelo carinho dos caminhantes da estrada... Pela manhã, ainda antes das seis horas, juntei todo esse material, mais uma cara comprida que seria a sua cara e me pus a fazer a boneca... De repente, os gravetos eram gigantes demais, as cores pesadas demais, os tecidos grosseiros demais... Fui então pescando outras peças pelo quintal e o estúdio, quebrando os galhos mais finos do grande feixe, colorindo com pastel seco um rosto feminino e fazendo a Guardiã do Caminho e do Portal do Destino, do jeito que ela se apresentava para mim durante o processo... Por fim, ela se acaba com o meu coração dentro de seu coração e a revelação de que a chave não está com ela, mas comigo - sempre esteve comigo, no meu próprio coração.	01	Curandeiras
20.	Lady Pérola	Arrumando meu estúdio, dei com essa corda. Vi nela um guerreiro africano. Joguei no café forte pra escurecer um pouco e deixei secar. Depois peguei uma bolinha de isopor	01	Descobrimto

		pra fazer a cabeça, desfiz a corda, comecei a torcer os fios e ela foi se fazendo... Oh, menina... Quem precisa de guerreiros? Precisamos é de delicadeza...		
21.	Yabá-Běló	<p>Guarani - Yabá Běló é uma Deusa indígena Guarani, cuja história é realmente linda. Depois de fazer Abebe, o Guardião etíope das Tradições e dos Rituais, Ela veio - para começar a expor e desestruturar as tradições patriarcais - uma Deusa - nua, bela e sábia. Minha, nossa avó. Feita em argila fria no meu caminho completamente inexperiente da massa de modelar, ela surgiu senhora de si.</p> <p>Tenho pesquisado muito sobre o Criador em sua forma feminina. Eu descobri até agora 38 DEUSAS criadoras do mundo em diferentes civilizações e tempos na história. Para minha surpresa, entre os povos guarani há a narrativa de uma deusa que se fez a si mesma “quando ainda não havia nada”. É um tanto triste que não tenhamos nunca tido acesso a essas narrativas na escola ou na família...</p> <p>Para honrar a Deusa e minhas ancestrais, fiz esta pequena deusa. Ela tem apenas 10 centímetros de altura (sentada) e a argila que eu tinha não era de boa qualidade. Mas trabalhar nela me deu paz e alegria. De alguma forma eu senti uma conexão, e o poder de ser mulher, tantas vezes tendo que "(re) fazer-me" a partir de tão pouco ...</p> <p>Aqui está sua lenda.</p> <p>Yebá běló</p> <p>No começo, o mundo não existia. A escuridão cobria tudo</p> <p>Enquanto não havia nada, uma mulher veio sozinha.</p> <p>Isso aconteceu no meio da escuridão. Ela apareceu, apoiada em seu banco de quartzo branco. Enquanto ela estava aparecendo, ela se cobriu com seus enfeites e fez disso um quarto. Este quarto é denominado Uhtãboho taribu, o "Quarto Quartzo Branco". Ela foi chamada de Yebá Běló, a "Avó do Mundo" ou a "Avó da Terra".</p> <p>Havia coisas misteriosas para ela criar a si mesma. Eram seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, um suporte para segurar o cigarro, uma cabaça com ipadu (folhas de coca misturadas com cinzas), o suporte desta cabaça de ipadu, uma cabaça de farinha de tapioca e o suporte desta cabaça. Usando essas coisas misteriosas, ela se fez assim mesma. Portanto, ela é chamada de " A Não Criada ".</p> <p>Foi ela quem pensou no mundo futuro, nos seres futuros. Depois que ela apareceu, ela começou a pensar como o mundo deveria ser. Em sua Sala de Quartzo Branco, ela comeu ipadu, fumou seu cigarro e começou a pensar sobre o mundo e como o criaria. Seu pensamento começou a tomar forma de uma esfera, culminando com uma torre. A esfera incorporou a escuridão. Ainda não havia luz, a não ser no compartimento onde</p>	01	Místicas

		<p>estava a mulher, que era todo branco, de quartzo. Depois criou cinco trovões imortais, e deu a cada um deles um compartimento da esfera. Na extremidade da torre ficava um morcego de asas enormes. Esses compartimentos tornaram-se casas, e só neles havia luz, como no compartimento de Yebá Bêló. Esta encarregou os trovões de fazerem o mundo, criarem a luz, os rios e a futura humanidade. ♥</p> <p>Fonte: “ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA – Mitologia dos antigos Desana-Kêhíripôrà”, está disponibilizado em pdf. Trata-se do primeiro livro de autoria indígena publicado no Brasil. A primeira edição é de 1980 e a segunda é de 1995. Os autores são Umusi Pârökumu e Tôrãmã Kêhíri, irmãos do povo Desana.</p>		
22.	OdúOsá	<p>África - Essa boneca veio de uma conexão com a lenda de OduOsá, vinda a mim pelos búzios.</p> <p>História contada pelo Babalorixá Nivaldo de LogunEde, que me presenteou com a revelação dos Búzios. (Gratidão!)</p> <p>“O personagem da história é uma mulher que é o próprio Odu. Embora Osá seja um Odu feminino, a gente não retrata Osá como mulher. Aliás, todos os odus são retratados como homens. Odus são chamados os príncipes do destino, ou seja, de representação masculina.</p> <p>Mas, nesta história Osá é uma mulher. Esta história é assim:</p> <p>Olodumarê determinou que todas as divindades viessem para o mundo que tinha sido criado, o Ayê (a Terra). E, como não se faz nada sem consultar Ifá, cada um deles, cada divindade foi fazer sua consulta, e montaram caravanas que se dirigiram para a Terra. Mas, Osá tinha poderes de adivinhação. Era uma moça. E essa moça, Osá, pensou assim: “Por que eu vou consultar alguém, por que vou consultar outra divindade, se eu também tenho poderes de adivinhação?”. E resolveu que não iria consultar ninguém. Exú ouviu aquilo e não gostou. E resolveu que ela deveria aprender uma lição. E o que aconteceu? Ela se perdeu das outras pessoas. Ela ficou completamente perdida, ainda no Orum. E não conseguia encontrar o caminho para o Ayê.</p> <p>Depois de andar pra lá e pra cá por muito tempo ela chegou à beira de um precipício. Sobre o precipício havia uma ponte de cordas. Uma ponte muito antiga, velha e</p>	01	Místicas

perigosa. Na beira do precipício estava uma velha, sentada. Ela se aproximou da velha, cumprimentou-a – porque esse é o costume e a educação à frente de tudo – e perguntou: “Minha velha, eu estou indo para o mundo que foi criado, a senhora sabe me dizer como eu faço para chegar até ele? A velha ergueu a cabeça e disse: “Sim, eu sei. Basta atravessar esta ponte. Só que a ponte é perigosa. Eu também preciso ir para o mundo, mas eu tenho medo – eu sou velha e fraca, não tenho forças para atravessar a ponte.”

A moça olhou para a velha e disse: “Não tem problema, eu estou indo para o mundo. Eu posso ajudá-la. Eu abro a minha boca, você entra dentro da minha barriga. Eu sou moça e sou forte. Posso atravessar. Chegando do outro lado, pronto, já está no mundo e aí, você sai da minha barriga.”

A velha ergueu a cabeça novamente e disse: “Você faria isso por mim? Você não me conhece”. A moça, sempre orgulhosa, disse: “Faço sim”, e fez. Abriu a boca e a velha entrou em sua barriga. Com muito cuidado, ela atravessou a ponte que era muito extensa sobre o precipício.

Tendo atravessado e chegado ao mundo, ela disse à velha: “Já estamos no Ayê, já estamos na Terra, você pode sair da minha barriga.” Mas a velha respondeu: “Ah, eu já estou aqui há tanto tempo e aqui é um lugar tão seguro. Eu não vou sair, vou ficar aqui mesmo.” Osá respondeu. Não, você tem de sair. Mas a velha insistia que não sairia. Então, Osá disse: “Vou fazer o seguinte, não vou comer mais nada e você aí dentro da minha barriga vai morrer de fome”. Mas a velha respondeu: “Por que eu morreria de fome? Aqui eu tenho tudo de que eu gosto – tem o fígado, tem o intestino, tem o estômago, tem até o coração – tudo o que eu gosto de comer.”

Aí então, a moça entendeu o tamanho do problema que ela tinha arrumado para a própria vida. Então, ela fez valer seus poderes, mas agora com humildade. Ela pegou seu instrumento de adivinhação e implorou ao Céu por um caminho, uma forma de se livrar daquela situação. E o Oráculo mostrou que ela deveria caçar um animal específico – um rato, na verdade – um rato do campo, não esse rato doméstico. Ela deveria caçar o animal e deveria prepará-lo de uma determinada maneira, no fogo. Deveria armar uma mesa, preparar um banquete e cobrir tudo aquilo com uma espécie de tenda e, então, convidar a velha para comer.

Depois de caçado o animal e toda a comida pronta, a mesa posta e a tenda armada, ela sorveu o cheiro da fumaça, com o aroma da comida e disse à velha: “A sua comida está pronta, venha provar”. Quando a velha sentiu o cheiro da comida, ela ficou

		<p>enlouquecida e desejou muito provar daquela iguaria, e disse: “Abra a boca que eu vou sair”.</p> <p>A moça abriu a boca, a velha saiu, olhou bem para ela e disse: “Eu vou comer, mas você fique aí. Quando eu acabar, vou voltar pra sua barriga.” A moça calou-se, baixou a cabeça e se pôs do lado de fora da tenda, como que aguardando que a velha terminasse de comer. A velha debruçou-se sobre a mesa farta e ali ficou dias, semanas, comendo... quando terminou sua comida. Ela se levantou e disse “Agora sim, eu vou voltar pra sua barriga.” Assim dizendo, saiu debaixo do pano e olhando para um lado e outro, não encontrou a moça. A moça havia fugido. Então, a velha se transformou num pássaro e saiu sobrevoando o mundo gritando “Osasa, Osasa!” (esse som é uma onomatopeia – é a reprodução de um grito de um pássaro africano). E aí se diz que até hoje a velha, que é YáMi (uma feiticeira), procura por Osá para voltar para sua barriga.</p> <p>...</p> <p>Essa história mostra como o Ajé, o poder negativo, como o mal - não é o mal, o diabo personificado - mas como o mal entra na vida das pessoas. Porque de alguma forma, a pessoa abre espaço pra aquilo e o Ajé entra e se instala, se esconde no interior da vida da pessoa e ali vai consumindo a pessoa aos poucos, por dentro – seja uma doença física, seja uma doença psicológica, um acompanhamento espiritual negativo, enfim, são várias as formas de manifestação do Ajé. e quando isso acontece, não tem outro jeito, a pessoa tem que se limpar daquilo, tem que se purificar do Ajé, o que é feito através de Ebó. Essa história explica isso.</p>		
23.	Abebe – o Guardião das Tradições	<p>Esse rosto eu fiz numa aula de trabalho de modelagem de rostos em cerâmica plástica de pvc, com Maureen Carlson. Antes de ser assado foi feito e refeito várias vezes. A intenção, se havia alguma, era fazer um rosto feminino, mas nada o fazia feminino... Acabou por ser um homem com características de um negro – a massa era branca. Aí pintei o rosto (mais de uma vez porque nada parecia ficar bom...) e coleí os cabelos. Ainda tenho muito o que aprender - inclusive pintar os olhos..., mas estar na estrada e seguir firme, no meu entender, já é um bom começo.</p> <p>Ele me ensinou paciência, amor, resiliência e fé. Ele tem 70 cm de altura, e tem um lugar de honra em meu estúdio. De vez em quando o pego me encarando e esperando para ser ouvido...</p>	01	Descobrimento
24.	Natasha - Protetora dos viajantes	<p>Eslavas – Essa protetora é um amuleto eslavo, tem o cajado dos viajantes de longas jornadas e leva em sua bolsa tudo de que se precisa para viajar o mundo, um pedaço de pão, uma troca de roupa e um dinheirinho para pousada. Feita em fios de estopa</p>	01	Místicas

25.	Elisa, Alessandra e Beatriz	Eslavas - Motankas – originárias dos países eslavos. A cruz em seus rostos representa o sol. São bonecas feitas sem costura, apenas enroladas (de onde vem a palavra Motanka – do verbo <i>motaty</i> , enrolar). A figura humana ocupa posição central na arte de bonecas dos povos eslavos. A boneca sempre passava a imagem da Deusa e as pessoas acreditavam que ela protegia não só as crianças, mas os adultos também. E as brincadeiras de crianças com bonecas sempre foram aprovadas e desejadas porque as pessoas acreditavam que isso trazia a vida boa e rica para a família e garantia a fertilidade das mulheres.	03	Místicas
26.	Dona Ana	A boa e velha amiga preta, sempre pronta a servir um café e sentar pra um dedo de prosa. D. Ana costuma aparecer sentada ao meu lado sobre a impressora ou perto da cadeira de descanso, onde me sento para ler ou descansar...	01	Descobrimento
27.	As Curandeiras	<p>Ao lermos <i>A Ciranda das mulheres sábias</i>, de Clarissa Pinkola Estés, não podemos deixar de pensar nas mulheres que conhecemos e naquelas sobre quem apenas lemos ou ouvimos falar, as com quem conversamos com frequência e as que sabemos que “estão ali”. Mulheres jovens, velhas, bruxas, fadas, vaidosas, relaxadas, artistas, “duas mãos esquerdas”, intelectuais, brancas, fogosas, “nem tanto” – e de todas as nuances que existem entre os extremos... Conhecemos mulheres de todos os tipos. Algumas mais próximas do que somos, outras muito distantes. De qualquer modo, eu queria homenagear as mulheres – queria homenagear todas, mas há limitações. Então fiz essas bonequinhas para representar todas as mulheres que eu admiro, respeito e amo – todas as mulheres deste mundo.</p> <p>São minhas “comadres”, velhas perigosas, respeitáveis Curandeiras - <i>las grand mères</i> – aqui representantes de metade de nossa família humana.</p> <p>No cenário do ritual da I Convenção Anual das Curandeiras, temos vários símbolos que declaram o poder dessas mulheres e, mais que tudo, da união delas, a ‘comadraria’: seu material de ofício - a água benta, óleo de mirra para unção, o tercinho de Nossa Senhora, o sal, e o raminho de arruda, alecrim e manjerição -, a duende que as espia simboliza a Natureza que observa a ciranda e a abençoa; a borboleta representa a transformação que buscamos, para nós e para as mulheres e meninas deste nosso mundão, transformação que passa pelo processo de introspecção, medo do desconhecido, consciência e, finalmente, a plenitude que possibilitará o voo seguro e acalentador, o ninho com os ovos representa a renovação, a persistência da vida e o acalanto do amor materno, o fogo, símbolo da purificação, da busca d’o alto’, o sagrado. Em rituais, o fogo une – funde – as almas e fortalece os laços.</p>	01 cenário – 09 bonecas	Curandeiras

		Ao fazer essas bonequinhas, guardei no coração e mantive em minhas mãos, por todo o tempo, a ideia de um mundo mais justo, com mais amor, mais união, mais evolução espiritual, mais camaradagem (mais “comadraria”) ... é meu desejo que nós, mulheres dançantes, saibamos manter a tocha, segurar a ciranda, incentivar e proteger as mais jovens, amparar as mais velhas, lutar as batalhas reais, amar e seguir dançando e contando as histórias e servindo à ciranda.		
28.	Valentina	De uma delicadeza ímpar, uma cabaça se transformou em Valentina, que sustenta uma cabeleira de fios humanos, o que lhe confere poderes de comunicação e transmissão de ideias novas.	01	Descobrimto
29.	Dona Bibiana, Olga, Verushka e Ellga	Eslavas - As camponesas dos países eslavos.	04	Descobrimto
30.	Meu Carinho pra mim	Uma boneca pra mim - pra minha autoestima e carinho e amor. É feita em casa de árvores e os adornos são pontas de jilós e de pimenta, pedras semipreciosas e flor de alho seca. Ela carrega uma cuia com afirmações positivas e animadoras escritas em cabos partidos de ramos de trigo. Um trabalho de muito carinho e autoconhecimento.	01	Curandeiras
31.	Aurora	Feita com papel Craft retorcido e revestida com tiras de malha, Aurora é um símbolo de meu despertar artista que recusa limitações impostas e críticas vazias e busca de perfeição – a liberdade é o ambiente e a simplicidade o caminho.	01	Curandeiras
32.	Mafalda e Maria de Fátima	Portugal -Marafonas: A marafona é uma boneca feita a partir de uma cruz de pau, na aldeia de Monsanto e em Penha Garcia e ainda noutras aldeolas junto à raia, na Beira Baixa, Portugal. Serve hoje para que as velhinhas que lá moram consigam amealhar umas moedas extra no final do mês, vindas de bolsos turísticos. Mas o seu significado é milenar. Há duas crenças locais acerca dos poderes destas bonecas: uma primeira, que faz delas amuletos protetores contra tempestades, e uma segunda, enquanto objeto supersticioso para dar boa fortuna às mulheres no momento de engravidarem. Falando primeiro do uso da marafona como para-raios, podemos ir até às Festas de Santa Cruz, nas quais as mulheres, acompanhadas dessas bonecas, sobem ao monte santo, enquanto as abanam. A marafona, quando agitada à subida para o topo da colina de Monsanto, ganha poderes como este de afastar as trovoadas. Mas além disto, a marafona é usada em Penha Garcia enquanto protetora de bebês e crianças. Colocam-se à janela marafonas de tamanho maior, e em número igual ao número de crianças que	02	Místicas

		vivem na casa, servindo assim de anjos da guarda dos mais gaitos. Antes, era também frequente colocarem-se junto ao gado, para o proteger do mau olhar. E indo agora ao segundo significado, também se faz dela um amuleto para a fecundidade. Segundo a tradição, a marafona é colocada debaixo da cama dos casais (especialmente na noite de casamento), e tendo em conta que é surda (não tem ouvidos), cega (não tem olhos) e muda (não tem boca), nada pode contar a ninguém. Fica assim ligada a cultos antigos e de raiz claramente pagã, como uma transcendente impulsionadora da fertilidade. (texto de Ricardo Braz Frade. Portugal num mapa, https://www.portugalnummapa.com/marafona/ , adaptado)		
33.	Desyatiruchka (dez braços) - Talismã	Eslavo – Talismã de dez braços utilizado na antiguidade para proteger o lar. Era dado a mulheres em seu casamento para ajudá-las nos afazeres domésticos e ficavam na cozinha presas à parede ou à porta – os dez braços ‘eram de tudo o que as mulheres precisavam’ (acreditava-se) para dar conta de casa, animais, crianças, maridos, capinar, lavar e até caçar e o que mais houvesse a fazer. Eram feitas de material natural no outono, quando todas as tarefas estavam já completas.	01	Místicas
34.	Quitapesares	Guatemala – Originalmente feitos em palha de milho e vestidos com lã, esses bonecos são feitos pelos povos nativos da Guatemala. Essas minúsculas bonequinhas têm o poder de tirar as preocupações das pessoas. Não se sabe a origem histórica delas – perdeu-se no tempo -, porém, acredita-se que eram usadas como talismãs místicos para acalmar as crianças e adultos. Para usá-las deve-se acariciar sua barriguinha todo o tempo que levamos para contar a uma delas nossas preocupações (para que não passe mal e que digira os problemas), depois, a colocamos debaixo do travesseiro e vamos dormir tranquilos, certos de que soluções aparecerão ao amanhecer. Elas sempre veem em jogos de 6, uma para cada dia da semana – no domingo, elas não trabalham. É importante que o que fala com elas não seja compartilhado com as pessoas.	06	Místicas
35.	Max	Às vezes precisamos nos lembrar da criança que fomos. Às vezes é preciso lembrar de tudo o que aquela criança trouxe consigo, todas as habilidades que desenvolveu, todos os sonhos que sonhou e as promessas que fez a si mesma. Quando “adultecemos”, às vezes deixamos aquela criança lá atrás, esquecida, ignorada até... e, sem saber por que, nos sentimos meio vazios de nós... Max foi uma lembrança trazida à tona. O moleque lindo, de olhos verdes, que andava com seu estilingue no bolso e fazia planos... Trazê-lo de volta do passado acendeu no adulto a alegria da memória de quem foi e o senso de compromisso que o hoje homem tem com aquela criança.	01	Curandeiras

		Sonhar e prometer é parte da infância e juventude, realizar os sonhos e pagar as promessas é coisa de gente grande.		
36.	Caixinhas de fósforo	Bonequinhas desenhadas à mão livre e pintadas a lápis – para trabalhar o lúdico, a moradia, o espaço onde vivemos.	06	Curandeiras
37.	Eduarda	Um ensaio com materiais diversos e cabeça moldada em papel higiênico seco.	01	Descobrimento
38.	Glória	Um ensaio com materiais de uso de ofício.	01	Descobrimento
39.	Joana	Feita totalmente em folhas jornal recortado, essa foi uma experiência gratificante. Joana apresenta-se como a artesã criativa, capaz de fazer sua arte com o mínimo de material disponível.	01	Descobrimento
40.	Stella	A estrela que eu sou.	01	Curandeira
41.	Nura	A insustentável leveza do ser. Nura representa tudo que há de leve e místico em mim. Feita num só galho, estava ‘pronta’ quando a vi num caminho em que passava num dia de caminhada e meditação.	01	Curandeira
Total de bonecas na exposição: 65 unidades				